

Introdução

O psicanalista escuta cotidianamente os tormentos da vida amorosa: isolamento afetivo, inibições e sintomas sexuais, busca compulsiva de relacionamentos que não proporcionam satisfação alguma, decepções que, indefectivelmente, sucedem aos primeiros êxtases do enamoramento, infidelidade, tédio, ciúme, declínio do desejo, separações, maus-tratos, incapacidade de amar, dificuldade de encontrar o homem ou a mulher certos. No entanto, em nosso tempo, as dores de amor parecem ter um estatuto diferente daquele do passado. A liberdade sexual e a emancipação feminina, para citar somente dois entre os fenômenos mais relevantes das últimas décadas, abalaram um certo estereótipo do sofrimento amoroso. O platonismo desesperado de quem cultivava em segredo suas paixões, inibidas diante de uma realidade frustrante, cedeu a vez a uma desinibição difusa e à multiplicação das experiências sexuais e amorosas, em plena liberdade. Tudo parece acontecer mais rapidamente, sem obstáculos nem censuras morais. A crítica a toda forma de institucionalização dos laços entre os sexos parece já ter se tornado um estereótipo politicamente correto. Porém, o culto coletivo a um amor sem vínculos é uma ilusão que gerou apenas fogos-fátuos. A invocação da liberdade absoluta e a intolerância diante de toda forma de relação que

implique responsabilidades deram vida a um novo padrão. Não mais aquele que empunha o bastão da interdição, mas aquele que exige um gozo sempre Novo e que, conseqüentemente, vive a relação duradoura como uma câmara de gás que mata a fascinação misteriosa do desejo. Rei morto, rei posto: o tempo do luto é rejeitado, de modo obsessivo, como algo inutilmente triste e dispendioso. Em vez de elaborar com dor a perda do objeto amado, é preferível encontrar seu substituto o mais rápido possível, adequando-se à lógica imperante que rege o discurso capitalista: se um objeto não funciona mais, nada de nostalgia! Trate de substituí-lo pela versão mais atual!

Numa época em que tudo parece ir no encalço da sereia perversa do Novo, este livro quer ser um canto dedicado ao amor que resiste e que insiste em reivindicar seu vínculo com aquilo que não passa, com aquilo que sabe perdurar no tempo, com aquilo que não pode consumir-se. Não se ocupa dos encontros que se exaurem no tempo de uma noite sem deixar rastros. Investiga os amores que duram o tempo de uma vida, que deixam marcas, que não querem morrer, que rejeitam a sentença descrente de Freud segundo a qual amor e desejo estão destinados a viver separados porque a existência de um (o amor) excluiria necessariamente a do outro (o desejo sexual). Trata daqueles amores nos quais o desejo cresce e não murcha com o passar do tempo, porque amplia eroticamente o horizonte dos corpos dos amantes e, ao mesmo tempo, o do mundo. Daqueles amores nos quais o êxtase do encontro se obstina em repetir-se, em querer-se de novo, em permanecer fiel a si

mesmo, nos quais a embriaguez não se desvanece, mas reforça o próprio sentido do tempo, tornando-o eterno. São os amores movidos por aquilo que o poeta Paul Éluard, citado certa vez por Jacques Lacan, define como “o duro desejo de durar”.¹

Este livro indaga sobre o que acontece nessas relações quando um dos dois trai, vive outra experiência afetiva em segredo e em perjúrio, descumprindo a promessa de fidelidade. O que acontece aos amores atingidos pelo trauma da traição e do abandono? O que acontece, enfim, se quem trai pede perdão? Se, depois de decretar que as coisas já não eram como antes, pede para continuar sendo amado e quer que tudo volte a ser como antes? Nesses casos, o perdão é verdadeiramente possível? Ou devemos nos limitar a evocar a sentença freudiana segundo a qual todo amor é um sonho narcísico, não existe promessa, não existe amor “para sempre”, não existe amor pelo Outro que não seja amor por si mesmo? Devemos cuspir no amor, ridicularizar os amantes em seu esforço de fazer o amor durar?

As análises que Freud desenvolveu em suas *Contribuições à psicologia do amor* visam a descrever somente a versão neurótica da vida amorosa. Sua tese relativa à cisão entre desejo sexual e amor – que leva o indivíduo a separar o objeto de seu gozo erótico do objeto de seu amor afetivo – foi muitas vezes compreendida erroneamente como se houvesse uma impossibilidade estrutural em conciliar o plano do gozo sexual do corpo com o do amor como doação de si ao Outro. Sejamos claros: o fato de a clínica psicanalítica se ocupar dessa cisão (neurótica) entre o gozo sexual e a ternura amorosa pelo Outro

não significa que essa seja a regra estrutural do amor. A que aspira uma psicanálise, se não a tornar possível justamente a existência de laços nos quais o desejo amoroso pelo Outro coincida com o gozo erótico do corpo? Não é essa uma de suas apostas mais relevantes? É empírico: existem amores nos quais o desejo amoroso não está, em absoluto, separado do gozo sexual, mas cresce exponencialmente com a paixão erótica pelo corpo do Outro. Era isso que levava Lacan a definir o amor como *a única* possibilidade de fazer convergirem o desejo e o gozo, deixando de dissociá-los neuroticamente.²

Este livro não se interroga sobre a patologia da divisão entre desejo e gozo, mas sim examina um aspecto da vida amorosa tão importante quanto estranhamente deixado de lado pela psicanálise: o perdão. Encara o perdão como uma das maiores e mais duras provas que os amantes podem ter que enfrentar.

O trabalho do perdão é sempre precedido pelo trauma da traição e do abandono. O objeto amado se desvanece, transfigura-se, afasta-se. Sabemos que todo trauma atinge sempre, em um único movimento sísmico, o sentido geral do mundo e o da nossa existência. Não é somente o objeto amado que desaparece: é a própria ordem do mundo que, por causa daquela perda, se despedaça, torna-se irreconhecível, cai na total falta de sentido.

Como é possível habitar as ruínas dessa retirada do Outro sem destruir tudo? Como sobreviver à traição da promessa? Tal como o trabalho do luto, o trabalho do perdão também

necessita de um tempo suplementar para poder realizar-se. Às vezes ele se choca contra a intransponível parede da perda de confiança na palavra do Outro. Pode então acontecer que o perdão se torne impossível, justamente por causa do amor. É uma das teses deste livro: a impossibilidade de perdoar não é menos digna que um trabalho bem-sucedido de perdão. Diversos pacientes narram um desmoronamento irreversível da confiança no Outro, a qual já não se deixa recompor. Como podemos reprová-los? Também nesses casos o sujeito encontra a parede do impossível: não pode perdoar, não pode esquecer a ferida do perjúrio, porque perdoar seria esquecer, não querer saber, fingir que não houve nada, não enfrentar todas as consequências que a verdade traumática da traição e do abandono escancarou. Outras vezes, ao contrário, o trabalho do perdão desafia o imperdoável e salva o amor, resistindo à tentação do espírito de vingança. É sua alegria misteriosa; aquela que permite um novo início, um recomeço absoluto.

O leitor encontrará dois livros em um. De um lado, uma reflexão teórica e clínica sobre o trabalho do perdão na vida amorosa. De outro, as vicissitudes de O.: a história de um homem que, no auge do sucesso profissional, da serenidade familiar e da felicidade erótica com a companheira de uma vida, encara, sem aparente aviso prévio, a dura e traumática experiência da traição e do abandono. A figura de O. nasce de uma mescla literária de materiais diversos – sobretudo de algumas histórias de pacientes extraídas do meu trabalho de psicanalista, alteradas para preservar as identidades e amalgamadas com

elementos mais autobiográficos. Disso resulta uma narrativa que não busca explicar aquilo que a teoria procura formular conceitualmente. Segundo o ensinamento mais clássico da psicanálise, trata-se antes de oferecer, através da singularidade de um caso (“clínico”, ou devíamos dizer “humano”?), não a confirmação da doutrina, mas o lugar de onde ela surge. Com a diferença de que o caso em questão não é uma história clínica propriamente dita, nem o relatório de um tratamento psicanalítico, mas uma espécie de material existencial exposto em seu real mais desnudo, deliberadamente desprovido de qualquer comentário interpretativo. Em um estilo narrativo, pode-se acompanhar o enorme impacto que o trauma da traição e do abandono tem na vida de O., sua queda no vazio da falta de sentido e sua resistência à tentação de destruir a si e ao Outro, até o confronto com a possibilidade (ou a impossibilidade) do perdão.

Nenhum amor, nem mesmo o que vive na promessa do “para sempre”, está a salvo do risco do fim, porque todo amor humano implica sempre a exposição absoluta ao Outro, a qual nunca exclui a possibilidade de que esse Outro se retire ou desapareça. Em todas as situações em que o impacto traumático da traição põe o amor em xeque, é de fato possível que o trabalho do perdão restitua a vida àquilo que já parecia irremediavelmente morto? Essa é a mais autêntica aposta deste livro.

1. A ideologia do Novo

Degradação contemporânea da vida amorosa

O amor é uma armadilha, um engano, uma ilusão destinada a dissolver-se como a neve ao sol, o efeito de um sono da razão, de uma impostura, de um estratagema neuroendócrino. Mais cedo ou mais tarde, todo amor conhece sua agonia, revelando sua natureza de artifício. O tempo lhe corrói a paixão, decretando seu fim, rebaixando-o a uma administração de bens e serviços. Depois das primeiras agitações extáticas, provocadas pelo influxo da dopamina sobre certas zonas do cérebro, todo laço amoroso se achata em uma rotina sem desejo; o tempo inevitavelmente mata o entusiasmo que envolve a emoção do primeiro encontro. Sem a estimulação do Novo, todo enamoramento acaba nas areias movediças de uma intimidade alienante, desprovida de erotismo. Para Adorno, a camiseta branca do pai de família foi o símbolo, por gerações inteiras, desse declínio do desejo no teatro da vida familiar. A intimidade aliena progressivamente e destrói irreversivelmente a vitalidade do desejo.¹ Hoje, essa versão tradicional da alienação dos laços familiares foi decerto substituída pela imagem do casal deitado no sofá diante da tevê, ou que, em vez de conversarem, ou de se apaixonarem no compartilhamento de seus projetos,

afundam autisticamente, cada um, no mundo fechado do próprio iPhone.

Na vida contemporânea, o desejo erótico aparece como rigidamente alternativo ao laço familiar. A existência deste último o faz desvanecer-se, perder o viço, porque o laço se constrói justamente sobre a interdição do desejo. Não há saída. “Ou o desejo ou a família”, parece dizer o refrão do hiper-hedonismo contemporâneo. E a psicanálise? Não contribuiu, ela própria, para fazer vir à tona essa verdade? Não foi justamente sua doutrina que mostrou como a cisão entre amor e desejo sexual acompanha a vida humana desde suas primeiras relações afetivas? Não é a essa cisão que Freud se refere quando teoriza sobre a mais comum degradação da vida amorosa? O corpo da mãe como lugar das primeiras e intensas vivências amorosas da criança é interdito ao desejo. Essa impossibilidade de conciliar amor e desejo sexual leva os homens a transformar suas companheiras em mães e a buscar a paixão erótica em mulheres externas à família, fantasiando-as como mulheres do sexo sem amor. É a clássica disjunção entre a mulher amada, mãe dos filhos e companheira de uma vida, e a mulher-puta, com a qual se pode viver com intensidade todo tipo de paixão erótica. É a disjunção freudiana entre a corrente amorosa da ternura e a do desejo sexual.² Como se a condição da vitalidade do desejo fosse somente a cena perversa da transgressão da Lei. A proibição do Pai, atingindo a mulher-mãe, alimenta no sujeito o impulso de buscar o objeto do desejo fora da jurisdição da família, lugar de objetos interditos. É a partir dessa

proibição original que ganha corpo a cisão entre a corrente de ternura e a corrente sexual, cisão que se estenderá pela vida do sujeito como duas linhas paralelas que, mesmo se prolongadas ao infinito, jamais poderão se encontrar: a mulher amada não poderá coincidir com a mulher do desejo.

O que Freud talvez não tenha previsto é que, hoje, essa degradação comum da vida amorosa já não é exclusiva do sexo masculino, pois se estende também ao mundo feminino. Antonia me conta em análise quanto sua vida afetiva está totalmente separada entre um laço matrimonial que se tornou tedioso e desprovido de entusiasmo e a relação com um colega que a impele a ter relações sexuais que beiram o excesso. A profunda estima que ela nutre pelo marido se desprende irreversivelmente do desejo, tanto quanto a desestima pelo amante parece paradoxalmente alimentá-lo. Antonia está dividida: é incapaz de renunciar tanto à ternura do marido quanto à carga erótica transgressiva que ela encontra no outro homem. Sua vida, desse modo, mostra-se atravessada por aquela cisão que Freud identificou como paradigma da degradação da vida amorosa masculina. A liberdade sexual arduamente obtida pelas mulheres corre assim o risco de seguir os passos falsos da neurose masculina: vivenciar o parceiro como uma limitação, aspirar a uma relação fora do quadro familiar como única possibilidade de praticar de modo vital e não repetitivo o desejo sexual.

Mas existem outras variações do esquema freudiano. Por exemplo, um homem em análise me contava sobre sua necessidade de trair a esposa, a quem, no entanto, declarava amar

profundamente. Nesse caso, a vida sexual do casal, depois de muitos anos de união, permanecera intacta em seu valor libidinal e erótico. Portanto, o que estava em jogo não era a clássica desarticulação entre vida afetiva e paixão erótica, entre a corrente da ternura e a do desejo sexual. Em vez disso, parecia evidente que a condição que havia preservado aquele entendimento sexual e o amor familiar no casal era justamente o fato de que esse homem tinha sempre traído a mulher. Assim, de tempos em tempos, ele a tornava um objeto perdido e, por conseguinte, desejável ao máximo. A existência da amante lhe servia para tornar a esposa incompleta, e então ativá-la novamente como um sujeito de desejo emancipado da rotina familiar.³

Resignação ou dopamina?

É fato comprovado: os casais se separam, os casamentos fracassam, a duração das uniões se abrevia. Em particular, muitas vezes o nascimento de um bebê coincide com uma crise da relação para ambos os lados; o homem tem dificuldade de reencontrar na mulher, que se tornou mãe, aquela por quem se apaixonara; a mulher, identificando o homem como pai de sua família, fica sexualmente insatisfeita e busca em outro o objeto capaz de reanimar seu desejo erótico.⁴ A prática psicanalítica pode oferecer infinitos retratos dessa tendência. Mas seu fundamento está na mentira que, em nosso tempo, sanciona

a equivalência entre o Novo e a felicidade. Essa mentira nos obriga a viver na procura angustiante do Novo, sob o (falso) pressuposto de que aí estaria a plena realização de si mesmo. A ridicularização do *pathos* amoroso voltado para o absoluto, da promessa dos amantes de que seja “para sempre”, não nasce apenas do desencanto cínico, mas também e sobretudo do imperativo social do Novo e de sua mescla explosiva com uma versão redutivamente maquinal do homem, que as pesquisas científicas parecem avalizar. Para dar um único mas eloquente exemplo: é o que se verifica quando um grande biólogo e neurocientista como Robin Dunbar recorda – esfriando os fogosos e ingênuos espíritos dos amantes, romanticamente arrebatados pela experiência do beijo – que

[o] beijo é provavelmente e sobretudo um teste da saúde e da genética dos futuros parceiros. É óbvio que ele pode concernir à saúde, porque más condições de saúde se refletem em mau hálito e em um sabor ácido na boca, duas coisas facilmente perceptíveis quando se beija.⁵

A questão é que, em nosso tempo, a dificuldade de unir o gozo sexual ao amor – dificuldade que, como vimos, para Freud definia a neurose mais comum da vida amorosa – tornou-se o emblema de uma verdade que parece irrefutável: o desejo está destinado a morrer se não renovar constantemente seu objeto, se não mudar de parceiro, se ficar fechado por tempo demais no estreito aposento de um mesmo laço. A proliferação dos

divórcios e das separações ratificaria inapelavelmente esta verdade indiscutível: um vínculo conjugal, ou mesmo somente de convivência, prolongado no tempo está destinado a no mínimo entorpecer, quando não cancelar totalmente, o impulso erótico do desejo. O cinismo materialista do hiper-hedonismo contemporâneo parece encontrar apoio nas pesquisas mais avançadas da ciência: o enamoramento é um *doping* destinado a perder o seu efeito no prazo de alguns meses (de três a dezoito, dizem). No encontro amoroso, as zonas cerebrais destinadas ao julgamento e à análise crítica são enevoadas por um incremento de dopamina, o hormônio que ativa nossos impulsos mais irracionais e eufóricos. Mas esse enevoamento tem o tempo contado e deve evoluir para um estado de calma monogâmica (promovido pela ativação dos receptores de oxitocina) ou reacender-se febrilmente mediante um novo encontro.⁶

Diante dessa demolição cínica e cientificista do amor, as duas opções restantes seriam: aceitar o inevitável desgaste da relação e mudar de parceiro de vez em quando, para reanimar a própria vida passional (mudança que pode também levar a uma vida paralela à do casal, como no caso dos amantes), ou resignar-se a uma vida sem desejo, ao rame-rame do teatro familiar, garantindo a segurança afetiva e monogâmica como contrapartida da aceitação do definhamento letal do desejo.

Mas são realmente apenas esses os caminhos que podemos seguir? A psicanálise pode aceitar que o discurso do amor se reduza à metonímia oca do desejo ou à resignada e desencan-

tada adaptação ao tédio regrado do princípio de realidade? Ao fazer isso, ela não falta com a sua missão crítica, que é a de recusar-se a toda acomodação conformista do desejo?

Devemos constatar que nossos tempos já não são os de Freud. Naquela época a psicanálise dera uma grande contribuição crítica à desconstrução do Ideal romântico do amor, mostrando como frequentemente esse Ideal recobria o real obscuro e indizível do ímpeto passional. Tratava-se então de desmascarar o amor como um Ideal falso, que acabava impondo uma camisa de força à potência inconsciente do desejo. A suspeita do psicanalista revelava como a cupidez e a afirmação do próprio Eu acompanhavam sempre, como uma sombra espessa, o sentimento altruístico, aí incluído o do amor. É uma tese que não encontramos somente em Freud, mas também em grande parte das reflexões dos psicanalistas sobre o amor, até nas mais recentes: o amor é um engano, efeito de um estrabismo que nos leva a confundir o outro com o nosso Eu ideal.⁷ A verdade é que o ímpeto da pulsão reduz o valor do objeto a um mero instrumento de sua exigência de satisfação. O que importa é a satisfação da pulsão, em relação à qual a existência particular do objeto resulta totalmente indiferente. É uma tese de Freud que mostra o caráter inteiramente secundário (“variável”) do objeto amado: a pulsão exige a satisfação do Eu, que não se interessa pela sorte do Outro.⁸